

CARTOGRAFIA NA LINHA DE FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY

LORENA MAIA RESENDE¹ E EDUARDO ROCHA²

¹PROGRAU/UFPEL – lorenamiltao@gmail.com

²PROGRAU/UFPEL – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Fronteira. Um conceito que constantemente evolui, se cria e re-cria no espaço-tempo. De um lugar de conflito, disputa por poder e posse territorial, até um lugar estratégico de potencialidades e integração. Ser fronteira é lidar com o dualismo cotidiano, perceber o eu e o outro, as diferenças e semelhanças, se enraizar as tradições ou desejar a errância e nomadismo. Segundo Deleuze, fronteira pode ser entendida como movimento, construção e produção, aproximando-se mais como abertura e atualidade do que como acabada, finalizada. Locais de mutação e subversão. Também são sítios de agitação e do excesso onde os “limites” são ultrapassados tornando então um espaço de ruptura - conflitante ou pacífica. É no limiar que se aprende a conviver com o imprevisível e inacabado (DUARTE, 2012).

A necessidade de refletir sobre o conceito e a representação da fronteira internacional na contemporaneidade se faz emergente, uma vez que o discurso é homogeneizado – como as adjetivações referente à Fronteira Brasil-Uruguay sendo considerada a fronteira mais aberta, densa e homogeneamente povoada, apontadas por Adriano Silva Pucci (2010) no *Estatuto da Fronteira* – e sintetizado no desenho de uma simples linha estática. Assim, a partir da aproximação entre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia da diferença, se propõe um estudo sobre a linha da fronteira Brasil-Uruguay¹. Entender como as estruturas (cartesiana) associadas às vivências (sensíveis) – coexistentes – nas linhas fronteiriças das cidades gêmeas² criam possibilidades de dar novos sentidos a essas cidades.

A cartografia que produz os mapas oficiais³ carrega consigo importantes informações das cidades, como localização de edificações, quarteirões, ruas, além dos aspectos naturais do relevo, hidrografia, vegetação e uma infinidade de existências. Porém, esses mapas não conseguem dar conta de toda informação que pulsa e vai além de aspectos físicos, como os *perceptos* e *afectos*⁴, as sensações dos lugares que acolhem ou que repulsam e da singularidade de cada trajeto/caminhada. Esses e outros eventos ignorados por esses mapas oficiais

¹ A linha de fronteira Brasil-Uruguay se estende por 985 km desde a tríplice fronteira Brasil-Argentina-Uruguay a oeste até a foz do Arroio Chuí, ponto extremo Sul do Brasil. Abrange as seis cidades-gêmeas: Chui/BR - Chuy/UY, Jaguarão/BR - Rio Branco/UY, Aceguá/BR - Aceguá/UY, Santana do Livramento/ BR - Rivera/UY, Quaraí/ BR - Artigas/UY, Barra do Quaraí/ BR - Bella Unión/UY.

² O conceito de cidades gêmeas, segundo o Ministério da Integração Nacional, considera os municípios que são divididos por uma linha de fronteira – marco político internacional –, sendo seca ou fluvial, conurbada ou não, que apresentam potencial de integração econômica e cultural, podendo ainda apresentar continuidade da malha urbana com o país vizinho. Cidades com população inferior a dois mil habitantes não são consideradas cidades gêmeas.

³ A expressão mapas oficiais foi retirada da Tese de doutorado, *Contramapas de acolhimento* por Celma Paese, 2016. Porto Alegre, RS

⁴ Os perceptos e afectos são sensações, são seres, que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Os afectos são os devires não humanos do homem, algo que passa de um ao outro. Enquanto os perceptos são as paisagens não humanas da natureza, são seres de sensação que conservam em si a hora de um dia, o grau de calor de um momento. Ver mais em Boutang, P. A. (Diretor). *O abcdário Gilles Deleuze* [Filme Cinematográfico]. Paris, 2004

podem ser complementados, ou melhor, sobrepostos por outros mapas desenvolvidos através de uma cartografia sensível, do olhar, observar, da caminhada errante. Mapas que reconhecem e deixam registrados os múltiplos sentidos e experiências que a linha de fronteira pode aclamar. Acredita-se que com a sobreposição dos mapas coexistentes fique mais explícito as possibilidades de criação e sentido das cidades.

A pesquisa é discutida na dissertação de mestrado, ainda em andamento, intitulada “CARTOGRAFIAS URBANAS NA LINHA DE FRONTEIRA: travessias nas cidades gêmeas Brasil-Uruguay” que tem como objetivo investigar os novos sentidos e potencialidades das cidades de fronteira através do método da cartografia sensível.

2. METODOLOGIA

A palavra cartografia remete a mapas, desenho em duas e/ou três dimensões confeccionados digitalmente que podem ser impressos ou virtuais que representam um espaço, um lugar seja ele geográfico, imaginário ou conceitual. Os mapas são meios de comunicação e análise. Comunicação visual, mas também imagética, sonora, sensitiva. De não só localizar, mas de sentir o lugar. A cartografia não só comunica como é fotografia, psicologia, desenho. Pode-se dizer que a cartografia de um espaço é determinada por um conjunto de mapas que são representados de maneiras distintas, pois cada mapa tem um objetivo específico e uma maneira de representação próprios.

Para Deleuze e Guattari (1996), a cartografia vai além de representar um objeto, ela acompanha todo o processo através da investigação. Por ser um método rizomático possui uma representação que contribui para a conexão de diferentes áreas. E sendo também um elemento móvel possui múltiplas entradas, sem um sentido único, ou seja, pode receber modificações constantes (PAESE,2016).

A cartografia sensível, de cunho qualitativo, pode ser entendida como o modo de acompanhar os processos e não o de quem busca respostas ou motivos pré-estabelecidos. Os mapas resultantes dessa cartografia buscam a expressão dos diversos cotidianos, da vivências e trocas que acontecem durante a errância percorrida na fronteira. E a complementação dessa cartografia pode se apoderar de fontes variadas além das escritas-teóricas-conceituais. Os operadores conceituais podem surgir de filmes, de narrativas com moradores, de uma música, leitura e outras singularidades.

Dessa forma, a cartógrafa lança seu corpo por toda linha de fronteira em uma viagem⁵ ininterrupta pelas doze cidades-gêmeas da fronteira Brasil-Uruguay. Chamamos de pedagogia da viagem um dos procedimentos metodológicos que acontece pelo universo da descoberta, além da viagem exploratória, mas uma constatação de certos aspectos que estavam ali – ocultos. A viagem embora trace caminhos preparados, conhecidos – “porque de certa forma conhecemos para onde vamos” – pode nos apontar novos e diversos caminhos a seguir (pensar). E no mesmo caminho abrindo brechas para expandir nossos próprios caminhos e sempre reorientar criticamente nossas concepções (cartografia). Então, podemos dividir a experiência da pedagogia da viagem em três partes: temos uma bagagem antes da viagem, preparamos as malas com certas intenções (a

⁵ O trajeto da viagem organizado pelo Laboratório de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFPel, teve início no dia 14 de março de 2016, saindo da cidade de Pelotas com destino ao Chuí - Chuy e retornando no dia 19 de março de Acegua - Acegua, totalizando aproximadamente 2.110km percorridos em seis dias.

expectativa/ansiedade); viajamos e nos abrimos ao novo, carregamos coisas pelo caminho e deixamos outras (a experiência) e; por fim chegamos, desfazemos as malas, com todas as coisas coletadas junto com as que levamos, é preciso organizá-las, pensá-las, saber o que guardar, o que dar, o que presentear, o que devolver e o que esquecer (resistências/ pausa/reflexão).

Seguimos na pedagogia da viagem uma espécie de coexistência entre o pensar e o escrever. A escrita como uma espécie de declaração do pensamento. Enquanto o pensamento é orgânico, vai e volta, segue o caminho, entra em atalhos e becos, atravessa muros, erra a passagem e flui com a vida (rizoma).

E a partir da experiência na viagem – a própria vivência – e aplicação do método da cartografia sensível, criam-se planos e atravessamentos para contrapor o discurso hegemônico de uma fronteira única, para construir uma fronteira carregada de heterogêneos e complexidades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se encontra no estágio de reunir os conceitos até então discutidos sobre fronteira, limite, cidade-gêmea, território, cotidiano, travessia, cartografia – conceitos advindos de áreas diversas como filosofia, arquitetura, urbanismo, geografia, história e antropologia – e aproximá-los da dinâmica experienciada *in loco* ou até mesmo criar outros-novos conceitos nascidos da diferença e heterogeneidade dos múltiplos atravessamentos.

Nessa fase, a distinção entre limite de fronteira se tornou essencial para compreensão da área de estudo, embora possam coabitar em uma mesma situação, são palavras que carregam vertentes quase opostas. A geógrafa Lia Machado (1998) explica que limite é indicativo de término, a linha final demarcatória de uma região comum – orientada para dentro – fator de separação. Enquanto fronteira indica o que está na frente, sentido de expansão – orientada para fora – zona de integração e interpenetração. Silvia Gomes (2010), metaforiza essa dualidade de forma simplista ao comparar o limite como uma “borda” e a fronteira como o que “transborda”.

Assim, para essa pesquisa, um território de fronteira é, por excelência, um território de devir. Devir não é evolução, uma linha cronológica, uma imprevisão de um futuro que pode ser possível. Na verdade, o devir ou o ‘por vir’ está fora de uma linearidade presente, é o inimaginável, o impossível. O devir como uma Zona de Experiência, lugar-não-lugar-comum de experimentação que seguindo a “lógica espectral” referida por Jacques Derrida, uma experiência que não é nem inteligível nem sensível, nem visível nem invisível, mas que introduz uma dimensão do fantasmático dentro do político e contribui na compreensão de algumas estruturas do espaço público atual.

Na experiência da viagem por toda Fronteira Brasil-Uruguay foi possível pensar também a “co-existência” nas fendas, nos espaços de espera e deslocamentos, espaços de pensamento vazio – paradas, necessárias para elaboração e avanço das problemáticas. O tempo da experiência *in loco* (nas áreas centrais das cidades) e o tempo da experiência estendida (na estrada e nos hotéis). E, são nessas fendas que passam a predominar a troca e a coexistência entre modos de vida distintos, sem que um modelo ideal de sociedade – determinado – venha a se sobrepor a outras formas de olhar e de compreender a existência e o mundo. Coexistentes.

4. CONCLUSÕES

A contribuição que a pesquisa se propõem é de pensar novos meios de acompanhar processos contemporâneos, extrapolando os métodos tradicionais, na medida em que inova sua forma de apreensão do uso e ocupação dos espaços urbanos. A lógica de pensamento não procura separar sujeito e objeto, arquitetura e usuário, espaço público e privado, Brasil e Uruguai, mas sim entender as qualidades dos espaços públicos dessas cidades como entidades que carregam potência de agir, ou como Espinosa mesmo coloca: “força de existir”. E essa potência envolve *afecções* e afetos, os quais vão se desencadeando, se articulando e se desdobrando quando ocorre o encontro entre corpos.

Durante o processo cartográfico, a caminhada errante, ficou nítida a complexidade da fronteira e a impossibilidade de reduzi-la em um mapa fixo, as cidades pulsam de tal forma que parecem gritar, se fazer presente seja pelas cenas dos sujeitos, nas memórias, pelo vivido e experimentado. Dessa forma, acredita-se que com o estudo dos conceitos e com a sobreposição dos mapas coexistentes (cartesianos e sensíveis), um novo discurso - inscrito no próprio corpo-cartógrafo - emergirá com mais fidelidade, constituindo mais uma fonte de consulta para arquitetos, urbanistas e profissionais atuantes na criação, planejamento e intervenção dessas cidades fronteiriças.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. V. 3.

DUARTE, Luís Sérgio. **O conceito de fronteira em Deleuze e Sarduy**. Textos de História, v.13, n.1/2,2005. Góias – GO.

GOMES, Silvia Toledo. **Eu, Tu, Ele... Nós outros: fronteiras, diálogos e novas identidades**. Revista eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas, v.12, p.2, 2010.

MACHADO Lia O, **“Limites, Fronteira e Redes”**, In STROHAECKER e outros (orgs), *Fronteiras e Espaço Global*, Porto Alegre, AGB, 1998, p. 41-49.

PAESE, Celma. **Contramapas de acolhimento**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2016. Tese.

PUCCI, Adriano Silva. **O estatuto da fronteira Brasil-Urugui**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2010.